

# **Bullying homofóbico nas escolas: realidade no Brasil e em Portugal<sup>1</sup>**

**Vanessa Salete de Ramos<sup>2</sup>**

**Luciane Spanhol Bordignon<sup>3</sup>**

**Resumo** O presente artigo analisa a situação e as ações do bullying homofóbico, nas escolas do Brasil e em Portugal. Com este estudo foi possível caracterizar essa violência que se insere na escola em forma de homofobia, a qual atinge os jovens homossexuais e os ditos como homossexuais, emergindo a necessidade de desconstrução do preconceito nas escolas e na sociedade. No Brasil foram encontradas poucas ações, podendo-se agregar como possibilidades de enfrentamento desta violência as práticas e ações realizadas em Portugal, com ações de sensibilização e cartilhas informativas, além de outras ferramentas para informar e formar os educandos e profissionais da educação. A pesquisa centra-se em uma metodologia bibliográfica como ferramenta de análise do conhecimento dos futuros profissionais da educação no Brasil, a respeito do bullying homofóbico, foi feita uma pesquisa com uma turma de formandos do curso de pedagogia da Universidade de Passo Fundo, a qual possibilitou constatar que estes necessitam de esclarecimentos sobre esse tipo específico de bullying. A formação continuada necessária a qualquer educador poderá prepará-los para posteriormente atuarem de forma qualificada nas instituições de ensino.

**Palavras-chave: Bullying homofóbico. Ensino e Formação de professores. Pesquisa.**

## **Introdução**

No mundo todo é crescente o número de casos de violência, tanto verbais quanto físicas, que levam até a morte ou suicídio de jovens, com motivos correlacionados com a vida escolar, ou fatos que acontecem dentro do ambiente escolar, e, em alguns casos, excedem os muros da escola. Segundo Diaz e Souza “violência como uma relação estabelecida com o outro, a partir da perspectiva da alteridade e da relação construída com o referencial identitário e com o referencial do outro” (2010, s/p.) Ou seja, o sujeito precisa do outro para

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade de Passo Fundo

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia.

<sup>3</sup> Professora Orientadora.

determinar seus valores identitários e confrontá-los entre si para formar a sua própria identidade, mas isto, não é uma justificativa plausível confrontá – los com atos de violência. Para Minayo (1998; in Lech; 2007), a “violência consiste em ações humanas de indivíduos ou grupos, classes, nações que ocasionam morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual” (p. 44).

Diante da problematização da violência, o presente projeto tem a intenção de estudar o bullying homofóbico na escola que, segundo Azevedo apud Diaz e Souza, entendem que “a homofobia na escola pode ser considerada uma forma de bullying, visto que ambos os conceitos teriam um sentido cultural e social” (AZEVEDO, 2009, apud DIAZ e SOUZA, 2010). A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), define o que é o bullying homofóbico: “Bullying on the basis of perceived sexual orientation or gender identity is a specific type of bullying this defined as homophobic bullying”<sup>4</sup>.

Este tipo de violência atinge o mundo todo, há muitos alunos que sofrem diariamente nas escolas, muitas vezes em situações de silenciamento. O espaço escolar segundo Borges e Meyer

[...] é um dos espaços privilegiados de transformação social e, nesse sentido, é possível olhá-la em seu potencial e capacidade de colaborar para a construção de uma sociedade melhor, mais democrática e igualitária. Refletir sobre o potencial educativo, crítico e questionador da escola pode ser um caminho para alterar posturas e comportamentos, e, talvez, quando articulada a outros espaços, ela contribua para promover transformações sociais de longo prazo, podendo vir a ser um instrumento capaz de abrir horizontes e provocar transformações pessoais e coletivas. (2008, p. 73).

Mas esse potencial transformativo que a escola tem, às vezes, não é efetivado, pelo fato de que alguns profissionais da educação (gestores, professores, funcionários) apresentam dificuldades para atender as necessidades dos alunos frente a essa problemática do bullying homofóbico, muitas vezes por terem internalizado um preconceito e/ou por não saberem como

---

<sup>4</sup>Bullying homofóbico é um tipo de “bullying com base na percepção da orientação sexual ou identidade de gênero. É um tipo específico de bullying e é definido como o bullying homofóbico”. (tradução minha).

proceder devido à falta de orientação sobre como agir. Desta forma acabam por omitir o problema, o que, em alguns casos, também pode ser visto como um ato de violência.

Nesta perspectiva, o Projeto Político Pedagógico<sup>5</sup> das escolas poderia contemplar a temática e, desta forma, buscar incluir na prática ações de respeito à diversidade sexual, organizando possibilidades de chamar a atenção dos gestores da educação para a tarefa multidisciplinar<sup>6</sup> (psicólogos, médicos, pedagogos) de mobilizar a sociedade por completo, pois quando esses jovens que tem atitudes homofóbicas dentro da escola, se não conscientizados, poderão cometer outros atos ilícitos fora dela.

Justifica-se, neste sentido, a importância do presente artigo que visa buscar subsídios teórico-metodológicos a nível Nacional e Internacional a exemplo de Portugal um País que tem projetos, com objetivos de erradicação desse problema que atormenta a vida escolar e afeta a vida social de muitos jovens dentro e fora da escola. Não se pode obter a experiência de outro país e submeter à realidade brasileira, são necessárias, a observação, a pesquisa, o contato com as pessoas envolvidas e a caracterização da realidade, para elaborar uma intervenção qualificada, que faça diferença para os sujeitos envolvidos.

## **1. BULLYING E BULLYING HOMOFÓBICO**

“É uma das formas de violência que mais cresce no mundo”, afirma Cléo Fante, educadora, autora do livro “Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz”, a respeito do Bullying escolar. Esta mesma autora define que o bullying

---

<sup>5</sup>Segundo a Secretaria da educação do estado de Santa Catarina o Projeto Político Pedagógico ou PPP “constitui-se em um documento produzido como resultado do diálogo entre os diversos segmentos da comunidade escolar a fim de organizar e planejar o trabalho administrativo-pedagógico, buscando soluções para os problemas diagnosticados”(FERREIRA, 2009).

<sup>6</sup>Segundo (ALMEIDA, 1997 in Cardona, 2010 ) “a ideia mais correta para esta visão seria a da justaposição das disciplinas cada uma cooperando dentro do seu saber para o estudo do elemento em questão”.

é um conjunto de atividades agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidação, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (2005, pág. 29)

Segundo a mesma autora, as vítimas nas escolas são maltratadas com base em alguma característica física, psicológica ou traço considerado negativo ou esquisito.

As instituições de ensino estão cada vez mais repletas de casos de discriminação contra jovens que assumem ou são *ditos* como homossexuais<sup>7</sup>. Conforme consta na apresentação do site da UNESCO “Studies show that it is not only lesbian, gay, bisexual and transgender youth who experience homophobic bullying, but also learners who do not identify as lesbian, gay, bisexual and transgender<sup>8</sup>” (2009, p. 18).

Essa discriminação resulta muitas vezes em atos de violência física e psicológica somente pelo fato de a pessoa ter sua *orientação sexual*, ou seja, “atração sexual e/ou emocional dirigida a pessoas do mesmo sexo, a ela estando associadas fantasias, erotismo, desejos desencadeados pela presença real e/ou imaginada dessas pessoas (CARNEIRO, 2009 in Gato 2012) ou *identidade de gênero*, na qual “diz respeito ao modo como social e culturalmente são desempenhados comportamentos vistos como “masculinos” ou “femininos”.

Estas pessoas nas quais se diferem do padrão que define a heteronormatividade, esta que segundo Petry e Meyer

[...] visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade de acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas –

---

<sup>7</sup> Homossexual é a pessoa que se sente emocional e sexualmente atraída por pessoas do mesmo sexo. (Rede Ex Aequo, 2012).

<sup>8</sup> Estudos mostram que não são apenas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros jovens, que sofrem bullying homofóbico, mas também os alunos que não se identificam como lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (tradução minha).

possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (2011, p. 195).

Tais pessoas, muitas vezes acabam por ter sua vida escolar e o processo de aprendizagem prejudicados pelos atos discriminatórios, devido à exposição e ao sofrimento, se não auxiliados acabam por ter o resto de suas vidas transformado, justamente por, muitas vezes não conseguirem lidar sozinhos com a situação. Segundo a UNESCO,

Studies show clear associations between repeated, long-term homophobic bullying at school and depression, anxiety, loss of confidence, withdrawal, social isolation, guilt and sleep disturbance. Learners who are subjected to homophobic bullying at school are more likely to think about harming themselves and more likely to commit suicide than young people overall (2012, p. 22).<sup>9</sup>

Existem pesquisas que mostram que existem ligações entre a evasão escolar e o suicídio de alunos com os atos discriminatórios sofridos no espaço escolar.

## **2. SITUAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL DO BULLYING HOMOFÓBICO**

A rede<sup>10</sup>Ex Aequo de Portugal obteve relatos de alunos, dentre os quais o de uma jovem de 19 anos que diz o seguinte: “pensava em morrer todos os dias. Acreditava que essa era a única solução e acordava a perguntar a mim mesma porque é que ainda estava aqui”, conta a estudante que sofria bullying homofóbico na escola.

---

<sup>9</sup>Estudos mostram claras associações entre ações de bullying homofóbico repetidas e continuadas na escola e depressão, ansiedade, perda de confiança, afastamento, isolamento social, culpa e distúrbios do sono. Os alunos que são submetidos a bullying homofóbico nas escolas são mais propensos a pensar em ferir a si mesmos e mais propensos a cometer suicídio do que os jovens em geral. (tradução minha).

<sup>10</sup>A rede Ex Aequo, é uma associação que atua em âmbito nacional (Portugal) e busca atender ao público formado por jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e simpatizantes entre os 16 e os 30 anos com o objetivo de apoiar os jovens relativamente às questões da orientação sexual e identidade de género. Fonte: [www.rea.pt/](http://www.rea.pt/).

Com os jovens no Brasil a situação não é diferente, dados chamam atenção para a discriminação que invade o ambiente escolar: uma pesquisa feita pela UNESCO (2001, Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas) revela que 28% dos alunos do ensino fundamental e médio do estado de São Paulo não gostariam de ter homossexuais como colegas de classe. Essa proporção aumenta se enfoca apenas os alunos do sexo masculino: cerca de 41% dos meninos não toleram colegas gays ou lésbicas. Esta mesma pesquisa demonstra a discriminação cometida pelos pais dos alunos, sendo que 35,2% não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual.

Os filhos chegam na escola com uma carga, com valores trazidos de casa, passados dos pais a eles. Como diz Silva, são “as influências que recebemos por parte de uma educação religiosa e familiar conservadora, repleta de valores negativos e princípios morais distorcidos em relação ao sexo, que são transmitidos de geração a geração” (2010, p. 149). Na sociedade brasileira, em que os papéis de gênero são definidos pelo sexo da pessoa, algo diferente disto é visto como errado.

### **3. AÇÕES INTERNACIONAIS, NACIONAIS E LOCAIS**

#### **3.1 Internacionais**

São visíveis as ações de âmbito internacional efetuadas por órgãos federais, ONGS e organizações, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo (ILGA), A rede ex aequo associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e simpatizantes, que demonstram a preocupação que vem aumentando ao longo dos anos com a diversidade sexual, e a garantia do respeito aos direitos humanos.

##### **3.1.1 UNESCO**

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2012 criou uma consulta internacional Bookle<sup>11</sup> nº 8, intitulado Good policy and practice in HIV and health the education – Education sector responses to homophobic bullying, que

---

<sup>11</sup>Livro nº 8: Boa política e prática em HIV e saúde a educação-respostas do setor de Educação para o bullying homofóbico.(tradução minha).

aborda o bullying homofóbico, nas escolas e universidades. Além de promover junto com a organização To Belong<sup>12</sup> um vídeo que consta na página da UNESCO intitulado: Stand Updon't stand for homophobic bullying, explica em poucos minutos como pode acontecer o bullying homofóbico nas escolas.

### 3.1.2 ILGA

A Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo (ILGA), é uma federação mundial que congrega grupos locais e nacionais dedicados à promoção e defesa da igualdade de direitos para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersex (LGBTI) em todo o mundo.

Portugal:

Direcionando a atenção para Portugal, a presente pesquisadora<sup>13</sup> teve a oportunidade de observar o trabalho efetuado por órgãos não governamentais e Associações que atuam diretamente nas escolas. Além disso, a pesquisadora teve acesso a uma série de pesquisas universitárias demonstrando a preocupação com a homofobia e o bullying homofóbico na sociedade e na escola.

### 3.1.3 ILGA – Porto Arco-Íris<sup>14</sup>

O Porto Arco-Íris é uma iniciativa promovida pela Associação ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero, uma Instituição Particular de Solidariedade Social que trabalha em prol da integração e defesa dos direitos das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgénero). A sua missão consiste em responder à necessidade de intervenção no combate à discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género na região norte do país, através da realização de um conjunto de ações de sensibilização e atividades de cariz cultural e formativo, dirigidas à população em geral mas também a públicos específicos (por exemplo:

---

<sup>12</sup>BeLonG To is a youth group for young gay lesbian, bisexual and transgender people in Ireland. BeLonG To have published various resources for school staff and learners, including guidelines for the youth sector on addressing homophobia; development of training for teachers; and a programme that can be integrated into sexuality and relationships education. (UNESCO).

<sup>13</sup>A autora do estudo, por meio de intercâmbio acadêmico, realizou seus estudos, no período de setembro/2012 a fevereiro/2013, na Universidade do Porto, (Portugal), participando em disciplinas de graduação em Ciências da Educação, Filosofia e Mestrado Integrado em Psicologia.

<sup>14</sup>O texto que se segue foi retirado do site do O Porto Arco-Íris.

escolas, instituições particulares, técnicos de saúde, forças de segurança, profissionais de várias áreas, etc).

O Porto Arco-Íris promove formação de voluntários, participação em colóquios, conferências e workshops, ações de disseminação em parceria com outras entidades, organização de ciclos de cinema de temática LGBT, organização de feiras do livro de temática LGBT, distribuição de livros de temática LGBT por bibliotecas municipais e escolares, concurso para a publicação um livro infantil, promoção de exposições sobre direitos humanos LGBT, colaboração com estudos académicos, resposta a pedidos de apoio e informação, formação em áreas profissionais específicas (saúde, segurança, educação, etc).

#### 3.1.4 Ações de sensibilização

No site da associação ILGA – Porto Arco-Íris pode-se ter acesso às seções de sensibilização feitas nas instituições de ensino com os professores, onde são abordados vários conceitos-chave e temas como o bullying homofóbico, bem como propostas e estratégias concretas de intervenção para promover a integração de jovens LGBT no contexto escolar, tanto ao nível da sala da aula como na definição global das estratégias pedagógicas e envolvimento com a comunidade.

Em outro exemplo de intervenção nas instituições de ensino, é o trabalho efetuado diretamente com alunos nos quais são debatidos temas como: preconceitos, homofobia, transfobia, direitos das pessoas LGBT, o bullying, e as famílias arco-íris, e dinâmicas de quebra-gelo, discussões em grande grupo e apresentação de alguns vídeos e materiais informativos.

A pesquisadora participou de uma explanação sobre o projeto da ILGA no Porto, na Universidade do Porto no curso de Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, no qual o Coordenador do projeto Porto Arco-Íris abordou conceitos sobre homossexualidade, homoparentalidade<sup>15</sup>, e as famílias arco-íris, mostrou materiais explicativos, vídeos, eventos do Porto arco-íris e reforçou as questões anteriormente trabalhadas pelo professor pesquisador da homoparentalidade Jorge Gato.

#### 3.1.5 Um conto arco-íris

Iniciativa da Associação ILGA Portugal dirigida à região norte com sede na cidade do Porto, esta iniciativa tem como objetivo incentivar autoras/es a conceber histórias ilustradas

---

<sup>15</sup>Segundo a organização ILGA, são famílias constituídas por casais de pessoas do mesmo sexo ou pessoas LGBT com crianças a cargo.



de caráter inédito em língua portuguesa, dirigidas à infância, baseadas nos princípios da não discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero, promovendo a visibilidade e uma imagem positiva de identidades LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgênero).

O projeto Porto arco-íris é um projeto que promove ações que integram toda a comunidade, tanto escolar, quanto acadêmica, que acabam por chamar a atenção da sociedade da cidade do Porto quanto às questões da homossexualidade.

### 3.2. Rede Ex Aequo<sup>16</sup>

A rede ex aequo é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e simpatizantes com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos em Portugal. Tem como objetivo trabalhar no apoio à juventude lésbica, gay, bissexual ou transgênera e na informação social relativamente às questões da orientação sexual e identidade de gênero.

#### 3.2.1 Campanha Digital contra o preconceito a LGBTs

A campanha digital contra o preconceito criou banners e postais virtuais com frases que pretendem levar o cibernauta a refletir sobre o preconceito existente para com as pessoas LGBT, e também para clicar nos banners ou no link para encontrar respostas às suas questões. Além disso é disponibilizado um Fórum Virtual de Jovens LGBT e Simpatizantes que permite trocas entre os jovens, atualmente com mais de 11 000 utilizadores e cerca de um milhão de mensagens.

#### 3.2.2 Observatório da educação

Este projeto disponibiliza formulários online para que as pessoas possam fazer denúncias de casos de homofobia nas escolas de forma anônima, se desejado. Com um formulário online, especialmente desenhado para o efeito, deseja dar voz e reportar todas as situações de discriminação, de qualquer espécie respeitantes ao tema da orientação sexual e identidade de gênero que tenham ocorrido em estabelecimentos escolares em Portugal.

De dois em dois anos, a rede ex aequo irá compilar e tratar todas as queixas recebidas e enviá-las ao Ministério da Educação, de modo a que o Estado possa ter maior consciência dos problemas de agressão psicológica e/ou física sofrida por jovens, professores e

---

<sup>16</sup>O texto que se segue foi retirado do site da Rede Ex aequo. Disponível em : <http://www.rea.pt/>.

funcionários, assim como das ocorrências de veiculação de informação incorreta, preconceituosa e atentatória dos direitos humanos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, no espaço escolar.

### 3.2.3 Projeto Educação LGBT<sup>17</sup>

O projeto propõe-se a fazer debates em Escolas Básicas ou Secundárias em Portugal, assim como a distribuir em Escolas Básicas ou Secundárias e em estabelecimentos do Ensino Superior com apostilas para professores e alunos, com o objetivo de educar contra a discriminação a pessoas lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneras (LGBT). Procura-se, através destas estratégias, promover uma educação para a cidadania e para os direitos humanos, em específico na área da orientação sexual e da identidade do género.

Este projeto está sendo desenvolvido para fazer frente à desinformação e discriminação ainda vigente no campo da Educação em Portugal em relação a este tema, que resultam na transmissão de informação incorreta, preconceituosa e estereotipada, assim como num ambiente negativo para o dia a dia dos jovens LGBT ou com dúvidas, quer em casa ou na rua, mas especialmente no espaço escolar. O impacto deste tipo de contexto é, em muitos destes jovens, a depressão e tentativa de suicídio, entre outras situações negativas tais como agressões verbais ou até mesmo físicas e perseguições da parte de elementos da comunidade educativa. Estas situações só podem ser contrariadas através da criação de ambientes positivos, abertos e tolerantes em relação às pessoas LGBT e de uma educação para a cidadania e os direitos humanos no campo da orientação sexual e identidade de género.

Pretende-se tanto com os debates, como com os materiais fornecidos a professores e alunos criar espaços onde os estudantes possam falar livremente sobre questões da orientação sexual e identidade de género sem preconceitos, criar espaços de comunicação entre a juventude LGBT e a juventude não-LGBT e diminuir a discriminação contra a juventude LGBT, quer da parte dos seus colegas, quer da parte de funcionários e professores.

### 3.2.4 Projeto Inclusão

O Projeto Inclusão, à semelhança do Projeto Educação, é um projeto da Rede Ex Aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (LGBT) e

---

<sup>17</sup>Fonte: <http://rea.pt/projeto-educacao/>

simpatizantes, e apoiado financeiramente pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), entre 2009 e 2011. Este projeto surgiu da preocupação face ao que tem sido indicado em estudos científicos e observado no trabalho de terreno: dentro da população jovem, a juventude lésbica, gay, bissexual e transgênera em taxas particularmente elevadas de risco de depressão, baixa autoestima, abuso de substâncias, auto-mutilação, ideação e tentativa de suicídio, em grande medida devido à discriminação e ao preconceito com que é confrontada no quotidiano. Nomeadamente, nas nossas escolas.

### 3.3 NACIONAIS

#### 3.3.1 Ministério da Educação<sup>18</sup>

A UNESCO e o Ministério da Educação (MEC) criaram a coleção Educação para todos em 2004, e a edição nº 32 tem o tema: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Devido a importância da temática diversidade, O Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) na qual articula vários projetos, entre eles o Brasil sem homofobia.

#### 3.3.1.2 Brasil sem Homofobia<sup>19</sup>

Através do projeto Escola sem homofobia foi criado o kit de material educativo, no qual consiste em um conjunto de ferramentas educacionais, destinadas ao ensino médio, que visam à desconstrução de imagens estereotipadas sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e para a promoção do convívio democrático com a diferença no ambiente escolar. Orienta-se pelos princípios da igualdade e respeito à diversidade, da equidade, da laicidade do Estado, da universalidade das políticas, da justiça social.

#### 3.3.1.3 Secretaria da Diversidade<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup>Fonte: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187191por.pdf>

<sup>19</sup> Fonte Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf)

<sup>20</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=290&Itemid=816](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816)

A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) em articulação com os sistemas de ensino implementa políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, do campo, escolar indígena, quilombola e educação para as relações étnico-raciais. O objetivo da SECADI é contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado a valorização das diferenças e da diversidade, a promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade sócio-ambiental visando a efetivação de políticas públicas transversais e Inter setoriais.

### 3.4 AÇÕES LOCAIS<sup>21</sup>

Na cidade de Passo Fundo/RS existe um Grupo de pesquisa sobre homoafetividade, constituído por professores e alunos do curso de Filosofia, de Psicologia, das áreas de ética e conhecimento da Universidade de Passo Fundo (UPF), membros do Grupo Plural-Coletivo LGBT e alunos e professores de outras universidades, que a partir de estudos e discussões desenvolveu o livro Filosofia e Homoafetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como base dados disponibilizados <sup>22</sup> por diferentes esferas globais preocupadas com a questão da homofobia nas escolas. Estes possibilitaram constatar a necessidade de desconstrução de pré-conceitos em torno da diversidade sexual em âmbito escolar e amplamente na sociedade. Como exposto nos dados, parte dos integrantes da

---

<sup>21</sup>Retirado da introdução do livro Filosofia e Homoafetividade.

<sup>22</sup>Artigos acadêmicos, sites de diversas organizações governamentais e não-governamentais.

comunidade escolar<sup>23</sup> algumas vezes praticam atos de cunho discriminatório e que excedem a interiorização do preconceito, afetando psicologicamente e fisicamente as vítimas.

A partir desses dados constatou-se que há uma crescente preocupação mundial com formação e informação dos profissionais da educação, visando auxiliar na diminuição do preconceito homofóbico na sociedade por meio da escola que tem, entre outras, a missão de educar os alunos para além dos conteúdos necessários à aprendizagem teórica orientando-os quanto à consciência moral, objetivando formar cidadãos éticos que respeitem uns aos outros.

Para que os educadores tenham elementos teórico-metodológicos adequados para atuar nas instituições de ensino básico, auxiliando e suprindo as necessidades dos alunos e desconstruindo seus próprios preconceitos, as instituições de ensino superior que formam estes profissionais precisam ter em seus quadros de educadores Mestres e Doutores com as habilidades necessárias para orientar os futuros docentes.

Além da preocupação com a formação de novos professores, deve-se dirigir atenção especial aos profissionais que estão na sala de aula, que muitas vezes se formaram há anos e não tornaram a estudar novamente desde então. A formação continuada passaria a ser um subsídio importante para o contexto da sociedade moderna. Para trabalhar com esses profissionais que atuam na sala de aula no Brasil, as ações de Portugal podem ser possibilidades de inserção com os professores, nas quais pessoas preparadas, vão até a escola com materiais explicativos e orientam os docentes como trabalhar de forma prática com a diversidade sexual na sala de aula, por meio de atividades dinâmicas com os alunos.

Para além dos estudos metodológicos para a sala de aula, é preciso um embasamento teórico para ter propriedade para tratar a temática da diversidade de forma clara, visando quebrar os conceitos errôneos, em que a sociedade que segue a heteronormatividade define como certo e errado.

Este trabalho possibilitou pesquisar os conceitos pertinentes à violência com base na orientação sexual que invade o espaço escolar, definido como bullying homofóbico. Pôde-se analisar a perspectiva nacional e internacional dos educandos relacionado a questão da homossexualidade. Esta na qual mostrou que alguns alunos não querem ter colegas

---

<sup>23</sup>Comunidade escolar refere-se a alunos e pais, pois não foram encontrados dados consideráveis sobre os professores.

homossexuais, derivado em muitos casos, de conceitos errôneos passados de geração a geração. Além disso, foi pesquisado os dados de ocorrência de bullying homofóbico, dados estes, que demonstram o sofrimento das vítimas, e também algumas consequências, como suicídio, depressão, entre outros resultados das ações preconceituosas e também muitas vezes acarretam em um maior sofrimento pelo fato de não ter apoio por parte da comunidade escolar. Por emerge uma quadro de educadores nas escolas com formação necessária para tratar da diversidade sexual com propriedade de um educador que busca estar em constante aprendizado, e que não tem nenhum tipo de preconceito.

Da mesma forma que no Brasil, em Portugal é vista a necessidade da formação dos profissionais da educação e informação dos educandos. Então para que isso aconteça, internacionalmente são efetuadas ações por órgãos governamentais e não governamentais nas instituições de ensino, em forma de palestras, sensibilizações, fóruns, colóquios, oficinas de formação de professores, seções com os alunos, além de diversas atividades de integração com a comunidade. Tais mobilizações internacionais adaptadas à realidade brasileira podem ser agregadas como possibilidades de enfrentamento do bullying homofóbico nas escolas no Brasil. Esta escola, tida como um local de formação de pessoas para viver em sociedade, tem potencial transformador da sociedade brasileira, formando cidadãos que respeitem uns aos outros independentemente de raça, cor ou orientação sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, HANNAH, *Sobre a violência*, 3º ed. Tradução, André de Macedo Duarte, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2011.

AZEVEDO, L. F. de *bullying e homofobia na escola: processo de construção de identidades e o estranhamento do outro*. In: DIAZ, Gabriela, SOUZA, Mériti, *Bullyinghomofóbico: Um nome “diferente” para a violência?* Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278250298\\_ARQUIVO\\_artigofazendogeneroformatado4-7-2010ultimo.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278250298_ARQUIVO_artigofazendogeneroformatado4-7-2010ultimo.pdf)>. Acesso em: 17 de mar. de 2013

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Brasília, DF. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=290&Itemid=816](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816)>. Acesso em 15 de mar. de 2013>.

CANABARRO, Ronaldo. (Org.). *Filosofia e homoafetividade: algumas aproximações*. Méritos, Passo Fundo, 2012.

CARDONA, Fernando, *Transdisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Multidisciplinaridade, 2010*. Disponível em: <<http://pessoal.utfpr.edu.br/sant/arquivos/Transdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2013

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf)>. Acesso em: 05 mai. De 2013.

COSTA, Daniel, VENÂNCIO, Joana, POESCHL, Gabrielle, “*Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: O ponto de vista das pessoas homossexuais*”. CORREIA, Isabel (Org.). *Psicologia: saúde bem estar individual, familiar e social de pessoas LGBT*, Ed. Colibri. Lisboa, 2012.

FANTE, Cleo, *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*, Campinas, Versus, 2005.

FERREIRA, Isaac, *Projeto Político Pedagógico*, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/ppp>> Acesso em: 05 mai. de 2013.

GATO, Jorge, LEME, Vanessa, LEME, Alessandro, *Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil*, Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273\\_ARQUIVO\\_AtitudesrelativamenteahomossexualidadeemPortugalenoBrasil.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273_ARQUIVO_AtitudesrelativamenteahomossexualidadeemPortugalenoBrasil.pdf)> Acesso em: 16 de mar. de 2013.

JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MS; UNESCO, 2009. Vol. 32. (Coleção Educação para Todos).

LECH, Marlise, *Agressão na escola: como entender e lidar com essa questão*. Porto Alegre. Ed. Mediação, 2007.

MEYER, Dagmar, BORGES, Zulmira, *Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia*, Ensaio, Rio de Janeiro, 2008 disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n58/a05v1658.pdf> Acesso em: 20 de mar. de 2013>.

PETRY, Analídia, MEYER, Dagmar, “*Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa*” AGUINSKY, Beatriz, PRATES, Jane (Org.) Textos e Contextos. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434> Acesso em: 20 de mar. 2013>.

SCOLARI, Adriel. *Homoafetividade x escola e sociedade: o despreparo frente às diversidades sexuais*. In: OLIVEIRA, Cíntia, PICHLER, Nadir, CANABARRO, Ronaldo. (Org.). *Filosofia e homoafetividade: algumas aproximações*. Passo Fundo: Méritos, 20112

SILVA, Ana Beatriz Barbosa, *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.

UNESCO, *Good policy and practice in HIV and health education – education sector response to homophobicbullying*. France, 2012. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002164/216493e.pdf> Acesso em: 18 mar. 2013>

### **Consulta de Sites:**

<<http://www.rea.pt>> Acesso em: 18 mar. de 2013

<<http://ilga.org>> Acesso em: 19 mar. de 2013

<<http://ilga-portugal.pt/ilga/index.php>> Acesso em: 19 mar. de 2013

<<http://www.ggb.org.br>> Acesso em: 19 mar. de 2013

<<http://porto.ilga-portugal.pt>> Acesso em: 06 mai. de 2013



## ANEXO

### Pesquisa na formação de professores

Partindo do pressuposto de um maior conhecimento por parte dos educadores sobre as questões que envolvem a homossexualidade e a homofobia, foi realizado um breve questionário sem identificação. Neste, foram feitas questões relativas à homossexualidade e à homofobia.

Após o levantamento dos dados, percebe-se que: as definições relacionadas à homossexualidade e o pensamento dos respondentes a respeito deste assunto, demonstra que os mesmos conceituam a homossexualidade como manifestação de desejo afetivo e sexual, mas também definem a homossexualidade como “escolha” inerente à pessoa. E em relação à sua opinião sobre o assunto, expressaram ser normal no mundo de hoje e dizem respeitar as diferenças, e também apenas um diz apoiar a causa de ir contra o desrespeito.

Pode-se a partir das respostas dos futuros educadores, perceber que estes compreendem de forma simples a definição de bullying homofóbico se remetendo ao conhecimento sobre bullying em seu aspecto geral. E em relação ao tipo específico de bullying, alguns não tinham conhecimento.

Referente a forma que os profissionais da educação devem trabalhar com a homofobia em âmbito escolar. Afirmaram que os educadores não devem ter preconceito de nenhum tipo, sendo sensíveis para auxiliar o aluno que sofrer agressão. E se não souber como agir deverá buscar a colaboração de outros profissionais, promovendo um trabalho conjunto visando a minimização de preconceito, partindo do princípio do respeito ao outro. E ao mesmo tempo, procurar manter-se em constante formação, adquirindo conhecimentos necessários para a sua formação pessoal na quebra de paradigmas e profissional, possibilitando atuar de forma a atender as necessidades dos alunos. Como afirma Scolari os professores têm de “[...] estar abertos e conectados a essa nova sociedade multicultural e multi-informada, atentos a atitudes discriminatórias em sala de aula, reflexivos em sua práxis, entender um pouco de tudo, para assim formar cidadão completos, que respeitem e entendam as diversidades[...]” (2012, p. 163).